

A MULHER: EDUCAÇÃO E LEITURAS FRANCESAS NA CRÓNICA DE RAMALHO ORTIGÃO

“É a França que nos fornece a litteratura e a moda, a cozinha e a arte, as innovações democraticas e as mobílias, a devoção e o theatro, os cretonnes de que forramos as nossas salas e as idéas de que forramos os nossos cerebros”.

M^a Amália Vaz de Carvalho

A consciência de uma realidade cultural portuguesa carente de renovação, e cuja especificidade não pode deixar de contar com a acção estrangeira, particularmente de matriz francesa, é uma constante na crónica de Ramalho Ortigão que tira assim partido dum género menor que pela sua difusão através da imprensa consegue chegar a um público mais alargado e, por esse motivo, talvez alcançar um objectivo de reforma na sociedade. Com efeito, desde os seus primeiros escritos folhetinescos nas páginas de periódicos portugueses até aos célebres textos de **As Farpas**, este homem, que integrará a *Geração de 70*, fará da escrita crónica, actividade permanente ao longo de toda a sua vida, um espaço de registo de acontecimentos sociais, registo momentâneo de *flashes* marcados epocalmente, constituindo-se porém num espaço de crítica e reflexão sobre a vida portuguesa em que aflora — sobretudo nos textos publicados após 1870 — uma vocação e até missão didácticas, visando uma revolução de costumes e de mentalidades. Ora, essa tarefa que Ramalho Ortigão empreende, pressupõe o cotejo e o conhecimento de realidades culturais outras, a todo o momento convocadas, cotejo e conhecimento que se manifestam algum fascínio experimentado pelo autor, espelham também discernimento e distância crítica que possibilitam valorização, redescoberta e respeito do que é genuinamente nacional.

Registo breve e em geral pouco profundo, a crónica no século XIX acolhe com à-vontade o *fait divers* e permite o espírito de diletantismo, atitude positiva na óptica de Ramalho Ortigão, já que “(...) comunicando-nos uma especie de voluptuosidade de colleccionador, semelhante á da bricabracomania, e consolando incessantemente o nosso espirito da ruína de cada esperança desmoronada pelo advento de uma nova esperança nascente, pondo no mesmo pé de importancia psychologica um discurso da coroa e uma cantiga da rua, um projecto de lei e uma pagina de romance, um ministério e um bibelot, o diletantismo actua no caracter emancipado de muitas superstições, de muitas subserviencias, de muitas hypocrisias,

e (coloca) o coração, por uma especie de egoismo artistico e benefico, ao abrigo das corrosivas e deprimentes paixões de seita e de partido" (1). O seu amor à realidade que ele confessa ainda nesta "Advertência" à reedição em livro de **As Farpas** no ano de 1887, o autodidactismo revelado em toda a sua produção por uma variedade do saber, fazem desta escrita uma escrita poliédrica em que o verso e o reverso do quotidiano regional ou nacional se vão mostrando.

Assim também a presença da mulher portuguesa não é esquecida, pondo-se em foco o seu papel na sociedade, a sua educação e ainda os problemas ligados à sua condição de leitora, sendo estes os vectores que procuramos trabalhar neste estudo que de modo algum se pretende exaustivo, mas que tem como objectivo constituir-se como mais uma achega para a compreensão do fenómeno de produção e consumo do objecto literário no oitocentos português, marcado segundo cremos pela importância crescente dum destinatário feminino cuja função histórica não é em todo de negligenciar quando está, por exemplo, em causa a recepção da obra estrangeira no nosso país.

Desde logo porém uma observação se impõe. Na verdade, ao dizermos "a mulher portuguesa", não estamos a ser precisos e rigorosos pois não se trata aqui de toda a mulher portuguesa, mas tão somente da mulher burguesa alfabetizada, vivendo preferencialmente num espaço urbano, muitas das vezes o espaço da capital. De facto, a predominância do sexo feminino em termos demográficos (2) que já nessa altura se registava, não significa de modo algum um acesso à instrução mais equilibrado quando comparado com o acesso à aprendizagem da parte masculina no tecido social de então. O elevado índice de analfabetismo que caracterizava a sociedade nacional, revela-se ainda mais acentuado quando se considera o universo feminino, situação seguramente explicável à luz da função social da mulher, à luz ainda da imagem que o século passado ergueu à sua volta.

A circunscrição de limites físicos e de papéis particulares relativos à mulher, faz da casa, do espaço interior que é o lar, o raio de acção em que ela se move. Efectivamente, a ela competem os deveres domésticos que permitirão um funcionamento harmonioso da família, na medida em que pela sua especificidade feminina — sensibilidade, fragilidade e susceptibilidade — ela apenas poderá contribuir num trabalho de rectaguarda, *imprescindível* no entanto, como adjuvante discreta do sustentáculo familiar que é o chefe de família, a exemplo do que acontece também por essa Europa fora (3). Como refere Joel Serrão, "(...) mais do que uma dicotomia, a relação homem-mulher considerada como o encontro entre o macho ilustrado ou ilustrável e a fêmea de naturais curtos voos era bem característica (...) da sociedade oitocentista nas suas expressões mentais e culturais" (4). Assim,

acima da instrução importa a educação, encarando-se a mulher sobretudo como entidade moral e com uma função moralizante, que vale não tanto pelas potencialidades intelectuais, mas pelas suas qualidades de honestidade, economia doméstica, laboriosidade ou ainda por uma atitude de submissão que permitirá dar continuidade a uma ordem social em que o homem será o protagonista ⁽⁵⁾.

A concepção de mulher na crónica de Ramalho Ortigão

Os primeiros folhetins de Ramalho Ortigão reunidos por exemplo em **Primeiras Prosas**, assim como **As Farpas**, situados num segmento temporal que medeia entre as décadas de 60 e 80 do século passado, dão predominantemente conta desta mesma visão de mulher “fada do lar”, confinada ao espaço que é a casa e ao jardim, sua extensão. Apoiando-se em Michelet, tornado autoridade na matéria com as famosas e polémicas obras **L’Amour** (1858) e **La Femme** (1859, Ramalho defendé, em texto de 1874, como conhecimentos primeiros a adquirir os da arte culinária e de jardinagem pois “(...) a cozinha e o jardim, (são) os dois sagrados domínios da inteligência da mulher superior, da esposa, da mãe, da nobre criadora, da alimentadora, da protectora do homem” ⁽⁶⁾). Na verdade, tal como na óptica de Jules Michelet que concebe para a mulher “(...) la paix et l’amour, la maternité, l’art, les doux soins de l’intérieur” ⁽⁷⁾ ou seja, o casamento como destino e uma educação que visa o desempenho da função de adjuvante do marido, também para o cronista português a mulher é o esteio da família e a sua vocação essencial direcciona-se para um horizonte doméstico nas suas múltiplas variantes, o de mãe, de esposa ou de filha, num “culto do santuário doméstico” ⁽⁸⁾. Esta imagem da mulher está claramente presente nas suas **Notas de Viagem** quando, na sequência da notícia sobre um congresso de mulheres realizado em Paris, e já numa época em que o movimento de emancipação feminina se encontra em curso, afirma:

“ A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser telegrafista, ser boticária, ser jornalista ou ser doutora; é ser mãe e é ser espôsa (...).

Ser mãe e ser espôsa é uma ciência, cuja posse como a de todas as ciências, depende de um certo talento natural, mas depende principalmente de um largo e aturado estudo” ⁽⁹⁾.

Contudo, esta posição de Ramalho Ortigão não exclui, por um lado, o papel cultural da mulher na sociedade portuguesa muito embora ainda

nos bastidores, enquanto dinamizadora de salões literários, por exemplo, — e tenha-se em conta as referências que faz à Viscondessa de Samodães ou a Maria Browne — ou como influência benéfica no despertar ou fortalecer de vocações poéticas masculinas ⁽¹⁰⁾; por outro lado, a sua abertura de espírito permite-lhe reconhecer a variedade de oportunidades que profissionalmente se oferecem à mulher no estrangeiro e que de modo algum existem em Portugal porque num estágio civilizacional anterior. Assim e no espírito de educação e reforma de costumes que subjaz ao aparecimento de **As Farpas**, pede contas às entidades responsáveis sobre a ausência de uma educação especializada com vista ao exercício de uma profissão específica por parte da mulher ⁽¹¹⁾. Já nesta altura — 1873 — se manifesta o sentido de missão que progressivamente vai dominando Ramalho e que o próprio Eça de Queirós salienta em **Notas Contemporâneas** (1909): "Ramalho achou-se sentado num pequeno púlpito, com quatro ou cinco mil ouvintes, e julgou necessário, em lugar de os divertir, instruí-los: fizera-os rir — agora fazia-os pensar" ⁽¹²⁾.

Mas não sejamos levados a concluir que esta imagem da mulher maternal, virtuosa, prendada e educadora dos filhos é apanágio de uma visão exclusivamente masculina. Com efeito, se porventura confrontarmos a posição de Ramalho com a de alguém que ele muito admirou ⁽¹³⁾, M^ª Amália Vaz de Carvalho, fácil é verificarmos a proximidade, por vezes coincidência de pontos de vista e, curiosamente, o recurso ao mesmo texto fundador de Michelet — **La Femme** — como caução para as ilações produzidas ⁽¹⁴⁾. Para M^ª Amália Vaz de Carvalho, autora de inúmeras obras especialmente dirigidas ao sexo feminino, seja ele potencial educador ou educando, trata-se de fazer reflectir e didacticamente indicar quais os escolhos a evitar e quais os caminhos a seguir pela mulher em termos educacionais e sociais. **Cartas a uma Noiva** (1871), **Cartas a Luiza** (1886) ou **Mulheres e Crianças** (1887) apresentam-nos a mulher educada para se tornar a companheira honesta do homem, fazendo a sua felicidade e a dos filhos; esquecendo-se de si própria e servindo voluntariamente o marido constituído no detentor da autoridade no lar. De novo, o que está em causa é o exercício dum papel feminino no seio da família ⁽¹⁵⁾ e se entidade produtora ela pode ser considerada, é-o estritamente nesse quadro.

Todavia, se de mais testemunhos precisássemos para verificar a larga aceitação desta concepção em todo o corpo social do séc. XIX, bastaria percorrer muitos dos periódicos femininos que então surgiram. Os estudos de Ivone Leal, com base num *corpus* consideravelmente alargado, são aliás reveladores da dominância de uma imagem da mulher como ser não político, facto que norteia as próprias linhas de orientação desses periódicos ⁽¹⁶⁾.

A educação da mulher

É uma atitude acentuadamente intervencionista de efeito moralizador a que subliminarmente percorre a escrita de Ramalho Ortigão e que o leva também a observar e a opinar sobre a educação feminina nos seus textos folhetinescos, até porque alguns deles radicam em decisões governativas com vista à instrução de raparigas, e o folhetim — não o esqueçamos — por vocação reporta-se a um passado próximo ou a um presente vivencial.

Desde logo, para Ramalho, dois grandes factores podem ser apontados no equacionar das deficiências educacionais que a mulher portuguesa apresenta porque marcadamente presentes na sua formação: "A *igrejice* e o romance, os dois pólos da sua vida moral" (17). O autor condena a falta duma verdadeira e correcta formação religiosa, dizendo mesmo que muitas vezes ela acaba por ficar reduzida a um mero conjunto de gestos e hábitos sem contraponto ao nível da vivência interior profunda, dando lugar a uma falsa moral. Lembre-se a este propósito o texto relativo a **O Primo Basílio** (1878) que dá lugar a uma análise sociológica e de crítica literária em que a reflexão sobre a educação da mulher burguesa por intermédio da personagem Luísa pontua, pois o que está em causa nesta obra de Eça é, para Ramalho, a denúncia da dissolução dos costumes burgueses. Assim, ele salienta a falta de condições habitacionais da mulher lisboeta cuja casa não prima pela higiene, pelo espaço ou por uma boa ventilação; releva ainda o cronista a inexistência de hábitos de passeio ao ar livre ou de biblioteca, não havendo estudo nem aplicação intelectual por parte da mulher (18), factores todos eles na origem duma situação de colapso moral.

Porém, a educação familiar e religiosa não é apresentada como causa única duma educação feminina deficitária. A própria instrução oferecida pelas autoridades oficiais não se constitui de modo algum como instrumento válido ao serviço da função social da mulher. Se, tal como pretende Ramalho, a missão e vocação femininas se realizam na família e não numa carreira civil, secular, não há então justificação para a instrução liceal em vigor e respectiva avaliação. Por esse motivo, preconiza-se uma reforma na instrução portuguesa, toda ela a ser dirigida ao lar — e chama-se a atenção novamente para a similitude de opiniões entre Ramalho e M^ª Amália Vaz de Carvalho (19) —, pois "A função da mulher bem educada é essencialmente protectora. Na luta da vida por meio da aliança conjugal e da ligação doméstica, o homem é a espada, a mulher é o escudo. O fim da educação feminina é compenetrar a mulher da responsabilidade da sua missão e fortificar-lhe o braço que tem de ser o nosso amparo, o nosso doce refúgio" (20). Apesar disso, Ramalho Ortigão nega a incompatibilidade de um enriquecimento intelectual relativamente à preparação indispensável para os cuidados do *ménage* até porque a formação literária da mulher que deverá

ser básica, permitir-lhe-á uma aquisição de ideias útil, no convívio com o futuro esposo.

É de algum modo um olhar de raiz tainiana aquele que encontramos nas crónicas de Ramalho Ortigão na medida em que o escritor-repórter ao observar a realidade social que o cerca, procura dar conta das implicações resultantes do facto da mulher burguesa viver em circunstâncias específicas num momento específico. O confronto que, em 1885, Ramalho leva a cabo entre a mulher minhota e a mulher lisboeta é aliás bem significativo desse mesmo olhar. Na verdade, na sua perspectiva, a importância do meio como condicionador da boa educação e beleza da mulher do Norte que ele sensorialmente descreve, é um factor capital. Assim, para o cronista que tem para si a lisboeta como a mulher mais feia da Europa, "(...) a fealdade é um produto do meio biológico e do meio social. (...)

A mulher de Lisboa é feia pela persistência de influências que, actuando consecutivamente sobre os indivíduos, acabaram por determinar uma feição na raça (...). E depois de referenciar quais os agentes cósmicos, físicos e químicos que estarão na origem desta situação, refere ainda os agentes sociológicos: "(...) a falta de institutos de educação física, a falta de museus e de galerias de arte, a falta de ensino estético, o pelintrismo literário e poético, o mau gosto dos monumentos e dos edifícios públicos, as estátuas reles, os prédios estúpidos" (21).

As leituras francesas e a mulher portuguesa

A experiência de leitura do sexo feminino ergue-se na crónica de Ramalho Ortigão como um dos vectores fundamentais intervenientes na situação cultural e social vivida pela mulher em Portugal. Em "A estatística dos divórcios, o casamento, o namoro", escrito em 1876, a formação estética, na qual ocupa um lugar de relevo a leitura, é apresentada como estando na origem do descalabro vivido no seio da família — em que o divórcio como desenlace é cada vez mais frequente — e nas relações de sedução entre os dois sexos:

"Se os dramas e os romances, se os sermões e as práticas, se os catecismos da moral e os catecismos da religião, se todos os grandes agentes da nossa educação tivessem contribuído para dar-nos o justo critério do casamento, o namoro, essa grande chaga, desapareceria dos costumes, e o homem aprenderia a honrar o amor, não como um passatempo frívolo ou como um disfarce do desejo, mas como um convite da natureza para a sua afirmação moral na dignidade perfeita, no completo dever,

na grande verdade da vida e do destino humano. (...) A mulher portuguesa, falsamente educada nos princípios estéticos e nos princípios religiosos mais dissolventes da energia do carácter e do senso moral, está desarmada para resistir ao adultério depois de casada como para resistir ao namoro enquanto solteira (22)".

A vivência do período que antecede o casamento, fado feminino por excelência, e, posteriormente, a vida em comum, traduzem frequentemente, na óptica de Ramalho Ortigão, uma visão deturpada da realidade humana, adquirida no convívio com personagens e aventuras ficcionais que se constituem entidades falsamente modelares para uma faixa etária em crescimento mental e moral, pois "Casada, procura finalmente realizar os seus sonhos de leitora de romances e de frequentadora dos dramas do teatro D. Maria" (23). Ramalho Ortigão considera que a educação da mulher burguesa a faz ver na personagem do dândi o homem ideal (24); já o galã, figura essencial nos jogos de sedução, é imitado com base em obras francesas viveiro inesgotável desse tipo de actante:

"Ele, pela sua parte, escolhe para representar diante dela, entre todos os galãs da legião romântica, o papel que lhe parece mais sedutor, mais poético, mais comovente. (...) Resolve ser, por exemplo, Antony, o duque Job, o marquês de Villemer, o conde de Camors, e regula as suas opiniões, o seu estilo epistolar, a sua toilette, as suas maneiras pelo tipo do personagem que adoptou" (25).

Vemos, através desta pequena passagem, algumas das interferências da literatura numa moral comportamental grandemente marcada pelo objecto literário, realidade aliás denunciada não apenas no espaço cronístico ou ensaístico, mas também em diferentes obras literárias do século passado. **As Farpas** espelham exemplarmente este fenómeno que caracteriza o consumo do livro estrangeiro, apontando situações de facto como as acima referidas ou quando se debruça sobre obras como **O Primo Easílio** ou **O Crime do Padre Amaro** (1875) de Eça de Queirós.

A obra queirosiana publicada em 1878, é ocasião para Ramalho chamar a atenção, através do comportamento de Luísa, para o perigo que representa o universo de leitura da lisboeta de então que não oferece alicerces seguros para uma sólida formação intelectual e moral. A mulher burguesa apenas "Leu os jornais noticiosos e as revistas de modas, os romances de Ponson du Terrail, de Xavier de Montépin, de Bellot, de Dumas filho. Não leu ou não entendeu nunca nenhum dos grandes educadores do

espírito moderno, Michelet, Dickens, Andersen, Froebel". Nesta mesma "farpa", o cronista salienta que a "menina", a jovem educanda, lê tão somente as "bisbilhotices do jornal e os romances das traduções baratas" (26). Na pena mordaz de Ramalho, esta pseudo-educação da mulher encontra-se também ilustrada na produção jornalística portuguesa de autoria feminina como o **Almanaque das Senhoras** ou a **Gazeta das Salas** que abre as suas páginas à futilidade quer no domínio poético quer no domínio da prosa. As autoras produzem "trovas de uma sentimentalidade de segunda mão, sem ideal, sem paixão, de uma pieguice grotesca. Escrevem também contoziños ou novelas de amores infelizes, cujas personagens se tratam por excelência e se requebram em artifícios de um dandismo cuja legitimidade está longe de poder ser absolutamente garantida, não dizemos já num congresso de *gentlemen*, mas num simples tribunal de cabeleireiros" (27). E o cotejo com a realidade estrangeira não se faz esperar, chamando Ramalho a atenção para a qualidade de produções similares inglesas e alemãs em que a ligeireza e superficialidade dos assuntos tratados não campeiam.

São pois as obras francesas as que dominantemente se encontram nas mãos das leitoras portuguesas e, em particular, obras que de algum modo se inserem num industrialismo literário em que se explora até à exaustão o drama sentimental, veículos duma estética romântica quase sempre epigonal. Lembremo-nos da áspera e irónica crítica que, nas suas notas de viagem **Em Paris**, Ramalho leva a cabo a propósito de Ponson du Terrail pela sua produção em série e de segunda categoria (28). Será talvez pelo facto das escolhas literárias femininas se pautarem por autores como Xavier de Montépin, Ponson du Terrail, Paul Féval ou Paul de Kock que Ramalho Ortigão tal como, por exemplo, M^a Amália Vaz de Carvalho, não aconselha às jovens meninas a leitura de romances: "As meninas nunca lêem romances, quaisquer que eles sejam". (29), afirma peremptoriamente Ramalho e já em 1860 criticava a leitura de romances por parte da mulher pela sua influência nociva (30). Esta posição de desconfiança face ao género romanesco conhece na época uma base alargada de defensores, encontrando-se também difundida pelos manuais de civildade, guias de conduta para os formandos, instrumentos de consulta para todos os que chamavam a si a importante tarefa educacional (31).

A íntima ligação entre literatura e moral que as asserções de Ramalho Ortigão deixam entrever, está particularmente presente nos textos-conselheiros duma prática de leitura feminina. Com efeito, o folhetim de 1860 que se debruça sobre a tradução de **Le Génie du Christianisme** de Chateaubriand, o texto do **Correio de Hoje** sobre **Eva** de Santos Nazaré ou as crónicas sobre as obras queirosianas já anteriormente referidas, manifestam claramente a preocupação de um *corpus* de leitura selectivo para um público feminino

com base em objectivos de moralização e numa consciência aguda das implicações que a vaga de livros franceses chegada a Portugal estava a provocar no *modus vivendi e cogitandi* da leitora portuguesa. Se o folhetim "O Génio do Cristianismo" de 1860, revelando a formação estética romântica de que Ramalho Ortigão ainda se não distanciava, aconselha seriamente a leitura da obra de Chateaubriand ao afirmar que "é o livro que eu quisera dar a ler a minha mulher e a minha filha; o livro que educa e moraliza" (32), e simultaneamente adverte para o perigo que representa a tendência realista na arte surgida em França, já os outros dois textos de **As Farpas** fazem-se eco da evolução sofrida pelo cronista, evolução que vai no sentido de uma proximidade estética realista. Este facto, aliado ao cansaço experimentado face a uma criação literária sentimental, piegas e sem qualquer capacidade de acção transformadora do real, permite-lhe uma certa duplicidade nas opiniões elogiosamente emitidas. Na verdade, ao considerar inovadoras e fecundas obras como **Eva**, **O Crime do Padre Amaro** ou **O Primo Basílio**, previne insistentemente da necessidade de proibir a leitura em especial às jovens e provoca, decerto não inocentemente, uma curiosidade redobrada e conseqüente leitura (33).

A invasão crescente do romance em geral e da novela francesa em particular sofrida pelo mercado leitor da época, encontra-se bem patente no estudo sobre catálogos de livreiros e gabinetes de leitura que Fernando Guedes empreende em **O Livro e a Leitura em Portugal**, obra que mostra o progressivo aumento da oferta livresca de cariz ficcional e nos dá a conhecer a presença cada vez mais acentuada do romance em detrimento da poesia: "O que parece indiscutível é que a literatura de ficção, simbolizada na novela, histórica ou simplesmente de amor (trágico, dramático ou meramente romântico), conquistara nos primeiros 30 anos do século, os favores do público, até então ainda afeito à antiga novelística cavalheiresca ou pastoril, às obras de perfeito exemplo" (34).

Importa ainda notar, na crónica de Ramalho Ortigão, a exortação ao alargamento geográfico-linguístico das possibilidades de leitura a que a mulher pode aceder, equilibrando assim a tendência obsessiva para o consumo do livro francês seja ele lido no original ou em tradução, exortação que passa por indicações de obras e autores pertencentes a um universo anglófilo ou germânico (35) e, como vimos, integrados em domínios que não o de um universo poético ou ficcional como é o caso dos textos do pedagogo alemão Froebel.

O conjunto de crónicas por nós abordadas segundo um enfoque específico, a reflexão que envolve a condição de leitora da mulher portuguesa e a sua educação, manifestam claramente a vocação pedagógica de Ramalho Ortigão e funcionam como sinal de uma consciência social que

não pactua de modo algum com uma atitude desistente ou niilista, bem pelo contrário se incorpora numa vaga transformadora das estruturas mentais e sociais da época.

Assim, consciente do poder actuante da mulher que, por vezes oculta por detrás do varão luso, exerce sem dúvida em termos sociais o papel de veículo transmissor duma memória cultural e familiar que deste modo se vai perpetuando, e o peso cada vez maior de um público feminino consumidor de narrativas sentimentais, com frequência de segunda escolha e maioritariamente de proveniência francesa, revelando pela visão e postura no mundo uma influência nefasta provocada por essas leituras, constitui para Ramalho Ortigão um problema e até uma ameaça até para um equilibrado funcionamento da vida familiar e social.

A sobrevivência dum lirismo estafado e a publicidade dada a uma falsa moral, já que muitas obras assentam na construção de personagens distantes da verdadeira experiência quotidiana vivida pela leitora, criando horizontes e expectativas falaciosos, em nada ajudam o eventual acesso da mulher à cultura, antes desvirtuam a sua verdadeira realização pessoal e conferem-lhe uma imagem distorcida da realidade.

As crónicas de Ramalho Ortigão ao darem conta da acção condicionadora resultante da fruição do fenómeno literário, acabam por pôr em relevo os riscos de uma prática de leitura feminina e chamam de novo a atenção para as relações de interdependência e de interferência entre literatura e moral; mais ainda, colocam a questão do papel actuante do Outro através de uma das suas marcas culturais, o universo literário, e das possibilidades de aculturação de um povo por intermédio desse veículo privilegiado, de que resultaria a perda do elemento genuíno e a instauração de um comportamento e imagem femininos de algum modo padronizados.

Fátima Outeirinho
Universidade do Porto

NOTAS

(1) ORTIGÃO, Ramalho — “Advertência”, in *As Farpas*, vol. I, Lisboa, David Corazzi-Editor, 1887, pp. IV-V. Cf. a afirmação de 1891 que faz em *Arte Portuguesa* III, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1947, p. 163: “O meu grande mal é não me interessar especialmente por uma coisa só, qualquer que ela seja, porque me interessa

completamente e absolutamente por tudo. A indigente multiplicidade dos meus pontos de vista inabilita-me para o especialismo". Como afirma Hernâni Cidade, "Todavia, autorizava quanto escrevia, senão pela densidade, ao menos pela universalidade da cultura. Consagrou todo o esforço que pode a adquiri-la, crendo indispensável que a sátira demolidora se acompanhasse da lição construtiva e que nunca o riso perante a ignorância, a insensatez, a embófia inconsciente, deixasse de o justificar e dar-lhe eficiência a demonstração do saber, do bom senso, da severa e documentada noção da justa medida, em serviço da nossa dignificação colectiva", in "Ramalho Ortigão", **Século XIX. A Revolução Cultural em Portugal e alguns dos seus Mestres**, Lisboa, Editorial Presença, 1985, p. 110.

(2) Cf. SERRÃO, Joel — "Notas sobre a situação da mulher portuguesa oitocentista" in **A Mulher na Sociedade Portuguesa. Visão Histórica e Perspectivas Actuais (Actas do Colóquio, Coimbra, 20-22 de Março, 1985)**, vol. II, Coimbra, Instituto de História Económica e Social, F.L.U.C., 1986, pp. 325-352.

(3) Cf. MARTIN-FUGIER, Anne — "La maîtresse de maison" in **Misérable et Glorieuse la Femme du XIXe Siècle**, prés. par Jean-Paul Aron, Fayard, 1980, p. 119, estudo que se debruça sobre a mulher num contexto francês: "Deux voies mènent la femme au territoire de l'intérieur: l'instinct naturel et le sens de sa responsabilité dans la société. Tandis que l'homme s'épanouit sur la scène publique, la femme n'a à sa disposition qu'un lieu pour exercer ses talents: l'intérieur, dont elle fera, si elle sait s'y prendre, un "nid" pour sa famille. (...) Comme dans les coulisses d'un théâtre se prépare la pièce qui va se jouer, dans le nid se mettent en place tous les éléments qui permettront à la société de bien fonctionner, c'est-à-dire d'assurer le bonheur général. La femme-épouse-mère-éducatrice-maîtresse de maison n'apparaît pas sur le théâtre, mais d'elle dépend tout ce qui s'y passe".

(4) SERRÃO, Joel — *op. cit.*, p. 333. Esta concepção da mulher ligada ao governo da casa encontramos-a também posta em relevo por M^a de Lourdes Lima dos Santos na análise a que procede dos manuais de civildade em **Para uma Sociologia da Cultura Burguesa em Portugal no Século XIX**, Lisboa, Editorial Presença/Instituto de Ciências Sociais, 1983, p. 28.

(5) Se a imagem que então se tem da mulher a leva a um acesso reduzido à instrução, no que diz respeito à mulher do campo e à mulher operária a situação agrava-se mais ainda pela acumulação de funções que impedem a existência e seguramente a apetência para um tempo de aprendizagem de leitura e escrita.

(6) ORTIGÃO, Ramalho — "Escrúpulos de bem-falante" in **As Farpas**, vol. VIII, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1944, p. 74.

(7) MICHELET, Jules — **La Femme**, Paris, Flammarion, 1981, p. 260. Em texto prefacial à obra, Thérèse Moreau sustenta mesmo que a tese central consiste no facto de que (...) "la femme est la créature de l'homme, le foyer son unique royaume" (p. 18).

(8) ORTIGÃO, Ramalho, — **As Farpas**, vol. VIII, op. cit., p.183.

(9) ORTIGÃO, Ramalho — **Notas de Viagem. Paris e a Exposição Universal (1878-1879)**, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1945, p. 73.

(10) Cf. ORTIGÃO, Ramalho — **Folhas Soltas**, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1956, pp. 62-64. Esta passagem integra-se num conjunto de folhetins de 1868, publicados sob a rubrica "Ecos do Porto" e saídos na **Gazeta Literária** de Camilo Castelo Branco.

(11) Cf. ORTIGÃO, Ramalho — **As Farpas**, vol. VII, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1943, pp. 85-93.

(12) QUEIRÓS, Eça — "Ramalho Ortigão" in **Notas Contemporâneas**, Porto, Lello & Irmão, s.d., pp. 46-47.

(13) Cf. Carta-prólogo de Ramalho Ortigão a **Crónicas de Valentina**, Lisboa, Editores Tavares Cardoso & Irmão, 1890, obra de M^a Amália Vaz de Carvalho.

(14) Cf. CARVALHO, M^a Amália Vaz de — **Cartas a Luiza (Moral, Educação e Costumes)**, Porto, Barros & Filha, Editores, 1886, p. 56, 69-72 e 79. Nestes textos, Michelet é citado e apresentado como "o nosso grande amigo morto" e "velho apóstolo da religião da mulher". Cf. ainda **Mulheres e Crianças. Notas sobre Educação**, 4^a ed., Porto, Editora Educação Nacional, 1938, pp. 108-109., obra que espelha bem o quanto M^a Amália Vaz de Carvalho admira Michelet não apenas como autorizado conhecedor da mulher, mas como escritor a recomendar veementemente. "Deixe que a sua filha leia Michelet", afirma a autora em resposta a uma mãe que se lhe dirige a pedir conselho sobre as leituras convenientes para a sua filha.

(15) Cf. CARVALHO, M^a Amália Vaz de — **Cartas a uma Noiva**, 4^a ed., Lisboa, Editores Santos & Vieira, Emp. Literária Fluminensae, 1919, p. 155. Veja-se ainda o papel desempenhado pela mulher no lar, explicitado na obra da mesma autora **Cartas a Luiza (Moral, Educação e Costumes)**, op. cit., p. 31: "(O homem moderno) Tem o corpo em continuado movimento, o espírito em permanente ebulição. O seu organismo, constantemente exgottado pelo esforço physico e cerebral combinados, precisa de ser constantemente refeito; a sua imaginação, morbidamente excitada, precisa ora de calmantes que a afrouxem, ora de tónicos que a revigorem; a sua bolsa, quasi nunca equilibrada com as exigências complexas e brutaes da vida moderna, precisa de uma administração intelligente, engenhosa até ao milagre; o seu coração, desfeito e dilacerado mil vezes pelas esperanças frustradas, pelas duvidas angustiosas, pelas palpitações violentas da ambição, pelos arrebatamentos da gloria, mordido por todas as paixões insalubres, precisa de uma doce mão feminina que o trate e que o console; o seu espirito levantado e culto, a que nenhum problema é extranho, precisa de outro espirito que o aprecie, que o siga, e que compreendendo-o o não torture com exigencias frivolas, ou com mesquinhas e pequenas contrariedades de todas as horas".

(16) Cf. LEAL, Ivone — "O Correio das Damas, *Jornal de Literatura e de Modas*" in *Boletim da Comissão da Condição Feminina*, ano VII, nº 1, jan.-Março, 1981, p. 36, ou ainda a constatação a que chega após a análise dos periódicos considerados em "Um século de periódicos femininos — inventário de periódicos publicados entre 1807 e 1926" in *Boletim da Condição Feminina*, ano VIII, nº 1, Jan.-Março, 1982, p. 10: "(...) papel insubstituível da mãe junto dos filhos, enquanto o pai se devota, no trabalho e na política, ao bem comum".

(17) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. VIII, op. cit., p. 183.

(18) Cf. ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. IX, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1944, pp. 247 e 249.

(19) Cf. CARVALHO, M^a Amália Vaz de — *Cartas a uma Noiva*, op. cit., p. 153: "Se a educação das mulheres pode hoje ser considerada como erradíssima e funesta nos seus resultados, não é em virtude das mulheres receberem um instrução muito inferior áquella que os homens recebem, é porque se não tem pensado devidamente em as preparar, dando-lhes fortes noções moraes, para os seus laboriosos deveres de mães, de donas de casa, de educadoras da primeira infancia".

(20) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. VIII, op. cit., p. 160. Cf. Programa aventado por Ramalho para a instrução a ministrar à potencial esposa e mãe, pp. 154-160.

(21) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. I, Liv. Clássica Editora, 1943, p.p. 29-37. Cf. as afirmações produzidas na sequência da análise de *O Crime do Padre Amaro* em que a mesma visão tainiana e sociológica se vislumbra, in *As Farpas*, vol. IX, op. cit., pp. 215-126.

(22) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. VI, Liv. Clássica Editora, 1943, p. 34.

923) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. IX, op. cit., p. 253.

(24) Idem, p. 254.

(25) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. VI, op. cit., p. 25.

(26) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. IX, op. cit., pp. 249-250 e p. 249 respectivamente.

(27) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. VIII, op. cit., 164.

(28) ORTIGÃO, Ramalho — "Ponson du Terrail" in *Em Paris*, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1943, pp. 241-253.

(29) ORTIGÃO, Ramalho — *As Farpas*, vol. IX, op. cit., p. 223. Cf. As opiniões de M^a Amália Vaz de Carvalho em "Leitura para nossas filhas" in *Mulheres e Crianças*,

op. cit., pp. 101-114. A autora para além de veicular ideias similares chega mesmo a afirmar, p. 111: "Proscrava sem dó, da biblioteca de sua filha, as obras primas dos romancistas franceses". Para M^a Amália, Balzac, George Sand, Octave Feuillet, Alphonse Daudet, mas também Paul et Virginie de Bernardin de Saint-Pierre, Jocelyn de Lamartine ou Le Génie du Christianisme de Chateaubriand são obras e autores a prescrever e que só deverão ser lidos pela mulher madura.

(30) Cf. ORTIGÃO, Ramalho — "O Génio do Cristianismo" in **Primeiras Prosas**, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1944, pp. 25-26. Neste texto, o autor condena a leitura de Paul de Kock, Lebrun e **A Dama das Camélias** de Dumas.

(31) Cf. SANTOS, M^a de Lourdes Lima dos — op. cit., p. 13: "Lembramos (...) que nos manuais encontrámos frequentemente censuras veementes contra o romance, classificado como leitura dissolvente, corrosiva e falsa, de que a todo o custo se deve afastar a juventude".

(32) ORTIGÃO, Ramalho — **Primeiras Prosas**, op. cit., p. 21

(33) Tomemos apenas como exemplo a seguinte passagem do folhetim de 1870 sobre **Eva** in **Correio de Hoje**, vol. I, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1948, p. 108: "(...) repito: as mães deverão proibir às suas filhas a leitura deste livro, e isto tanto mais terminantemente quanto é certo que este é dos poucos livros que elas não deixarão de ler se lhos proibirem".

(34) GUEDES, Fernando — **O Livro e a Leitura em Portugal. Subsídios para a sua história, Séculos XVIII-XIX**, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1987, pp. 145-146.

(35) Cf. De novo M^a Amália Vaz de Carvalho que também ela refere outras possibilidades de leitura que não exclusivamente francesa em **Mulheres e Crianças**, op. cit., p. 51: "Entre vinte das meninas que sabem hoje francês, inglês, e alemão ou italiano, não há quatro que tenham lido Hugo ou Bossuet, Racine ou Montaigne, Shakespeare ou Milton, Goethe ou Dante; não há quatro, sobretudo, que estejam aptas para compreender estes mestres do pensamento e da palavra". E mais adiante, pp. 112-113, recomenda Walter Scott e Charles Dickens, salientando a riqueza da literatura inglesa no que concerne a este tipo de leituras.